

LETRAMENTO LITERÁRIO: RELEVÂNCIA INTELECTUAL

Célia Maria Vieira Ávalos¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho é discutir a relevância e a proficiência que o letramento literário desempenha na evolução intelectual do indivíduo, centrado em um viés que o aproxime de fatores culturais e artísticos, ao visar o melhor aproveitamento, do ensino médio, uma vez que o indivíduo ao desenvolver o pensamento crítico e a autonomia pode-se subsidiar de forma racional o direcionamento para o trabalho com as obras literárias. A literatura corrobora excelência no desenvolvimento cognitivo do indivíduo e o letramento literário possibilitará que ele modifique a conjuntura social e, situe-se, ante a vida, de forma lúcida, sucinta e mais humanizada.

Palavras-chave: letramento, literatura, literário.

Introdução

O objetivo deste artigo é cotizar com o estudo que leve o aluno a desenvolver o pensamento crítico para a efetiva prática da leitura nos mais diversificados contextos e, assim, discutir a relevância e a proficiência que o letramento literário desempenha na evolução intelectual do indivíduo, no direcionamento para o trabalho com as obras literárias, no ensino médio, na formação de um leitor crítico, autônomo e mais humanizado.

Infere-se, portanto, que em uma sociedade letrada, ler é imprescindível, porque tudo o que somos e compartilhamos passa, necessariamente, pelas práticas sociais da leitura e da produção de textos e que, esses textos, segundo Marcuschi (2005), são enunciados no plano das ações sociais situadas e históricas.

Assim é de suma importância um trabalho de leitura em sala de aula, primando pelos gêneros textuais mais circulados socialmente, pois os gêneros são formações interativas, multimodalizados e flexíveis de

¹ Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Câmpus Campo Grande. E-mail: cm.avalos@hotmail.com

organização social e de produção de sentidos (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Das muitas competências culturais, a leitura é compreendida como uma das mais importantes na contemporaneidade, considerando o espaço no qual as novas tecnologias disputam a atenção e o interesse dos alunos, é um grande desafio promover aulas de leitura e contribuir para formar alunos leitores. Silva (2002) esclarece:

A leitura não pode ser confundida com decodificação de sinais, com reprodução mecânica de informações ou com respostas convergentes a estímulos escritos pré-elaborados. Esta confusão nada mais faz do que decretar a morte do leitor, transformando-o num consumidor passivo de mensagens não significativas e irrelevantes (SILVA, 2002, p. 96).

Ademais, pode-se dizer que, no tocante à complexidade dos meios de comunicação, a leitura, em contextos de multiletramentos, compreende uma pluralidade de significados encontrados nos diversos letramentos.

Segundo Rojo:

A ideia que é a sociedade hoje funciona a partir de uma diversidade de linguagens e de mídias e de uma diversidade de culturas e que essas coisas têm que ser tematizadas na escola, daí multiletramentos, multilinguagens, multiculturas (ROJO, 2013, p. 03).

Este artigo subsidia-se em Cosson (2012), sobre o que o autor entende como letramento literário, e em diversos outros autores, bem como na discussão de alguns documentos oficiais como: os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL/MEC, 1998); nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL/MEC, 2006), que subsidia os estudos sobre o currículo e as práticas sugeridas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais.

Nesse sentido, o trabalho com a literatura, na escola, segundo esses documentos, afeta, sobretudo, um dos principais objetivos do ensino médio, qual seja: o aprimoramento do aluno como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (LDBEN, Art. 35).

A literatura, no ensino médio, objetiva a formar leitores que sabem e gostam da leitura do texto literário por livre arbítrio, isto é, letramento literário, visto que no ensino tradicional só diz respeito à escolarização da literatura e quando isso ocorre sucumbe o

verdadeiro sentido de ensinar literatura que vai muito além disso, pois, a partir de suas manifestações artísticas e literárias, a literatura deve proporcionar ao aluno conhecer parte do nosso patrimônio cultural e artístico, conhecer nossos grandes autores, refletir sobre um tempo histórico e inumeráveis leituras.

Enfrentar a resistência à literatura é, sem dúvida, um entrave, haja vista que as escolas focam nos livros didáticos que propõem a substituição da leitura por estudos sobre literatura, nos currículos escolares e/ou nas avaliações externas que acabam na superficialidade.

Com relação às práticas escolares que simulam a leitura de literatura, a do resumo, a da paráfrase, pautadas no treinamento; a da simulação da leitura, sob a forma de atividade intertextual; a do diálogo da obra literária com outros sem relação, bem como o caráter de obrigatoriedade da leitura imposta e, ainda, a prática que conduz a leituras autorizadas, elidindo a experiência, particularmente, subjetiva que caracteriza o contato com o literário, não contribuem para a formação desse leitor, pois essas práticas oferecem o risco de a literatura funcionar somente para outros objetivos.

A tarefa inclui conhecimento literário, espaços para essa experiência de leitura, pois, somente ensinar sobre literatura, a história de nossa literatura, os nossos autores mais representativos, a relação entre estilo e época, dentre outros, não é ensinar literatura.

Do mesmo modo, o papel mediador do professor é fundamental ante a tarefa de desenvolver habilidades de leituras, assim, faz-se imprescindível que ele: observe as dificuldades enfrentadas pelos alunos na abordagem dos textos; fique atento às leituras produzidas na escola; possibilite que o aluno atreva-se, arriscando leituras após uma interação pessoal com os textos; seja um ouvinte atento e generoso, sobretudo, quando as leituras dos jovens não refletirem as suas.

De acordo com a noção de dialogismo de Bakhtin (2003), a leitura deve emanar como uma metodologia de produção de sentidos, por intermédio das interações sociais e dialógicas entre o leitor e o texto, uma vez que o leitor é convocado a compartilhar da elaboração de sentido do texto quando no confronto do seu saber e de seu conhecimento prévio, democratizando a ascensão ao saber e à cultura.

Nesse sentido, urge ao leitor arrolar as informações com a circunstância de comunicação e com os conhecimentos prévios que possui, corroborando, igualmente,

várias probabilidades de vieses com o texto, estabelecendo novos sentidos, questionando alguns, ampliando seu senso crítico e, conseqüentemente, seu repertório de obras, transformando-se, assim, em coautor.

Dessa forma, o valor literário de um texto pressupõe um trabalho com a linguagem que se faz com a arte, com a intenção de produzir um efeito estético. Assim, a avaliação recai sobre a forma: Literatura é forma ordenada, organizada da palavra (CANDIDO, 2004).

Abordaremos, no presente artigo, um olhar sobre a formação de leitores no Brasil, a relevância intelectual do letramento literário para o aluno do ensino médio, com foco em fatores culturais, históricos e artísticos, almejando o desenvolvimento da criticidade, da liberdade e da autonomia, como forma lúcida e concisa voltada ao ensino com as obras literárias.

Um olhar sobre a formação de leitores no Brasil

A educação escolar, no século XIX, comparando-se a atual, era austera, o conhecimento era transmitido ao estudante de maneira rígida, sistemática e explícita a obrigação da aprendizagem das obras literárias de escritores brasileiros e, ainda que, pela obrigatoriedade, proporcionava uma maturação intelectual devido ao contato direto com a literatura.

Nesse âmbito, a leitura exige mais que isso, haja vista que o desenvolvimento cognitivo do sujeito-leitor é feito progressivamente, ela pressupõe uma prática capaz de acionar os processos de leitura, que é uma atividade interpretativa intensa e laboriosa, os conhecimentos de diversas naturezas: de mundo, enciclopédico, da linguagem, dos gêneros literários e, também, sobre a história da literatura, embora esses últimos possam permitir verticalizar leituras, mas seu domínio não é condição *sine quo non* para ler um texto literário.

O conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, liga-se por tradição ao processo de formação global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, (...)

possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso à classe dos senhores, homens livres (MARTINS, 2004, p. 22)

Diante das crescentes exigências atuais quanto à capacidade de ler, interpretar e produzir apreende-se que a leitura colabora em aumentar a percepção do leitor, aprimorando-o intelectualmente a interagir com proficiência nas diversas linguagens, as novas mídias. Conforme Ezequiel Teodoro (1992) “o constatar, o cotejar e o transformar”. Igualmente a esse processo gradual o leitor cresce em autonomia e domínio do uso do idioma.

Ao considerar que a escrita acompanha a vida das pessoas em todas as práticas sociais que articulam leitura e produção de textos, nos mais diversificados contextos, o desenvolvimento da autonomia e da criticidade se conduzido de maneira perspicaz e norteado às obras literárias, visto que o letramento literário, instrumento de aprimoramento sócio-intelectual do indivíduo com essa obliquidade aos fatores culturais e artísticos, instituir-se-á de forma harmoniosa e proficiente.

No século XX, com a bandeira de uma visão democrática e igualitária de cultura, surgiu um prélio que acarretou na obrigação do critério valorativo sobre o estético, conforme Osakabe. Contudo, as qualidades estéticas, com sua vitalidade além do tempo e do espaço, ultrapassam as imposições contextuais. Além do mais, “a arte, tem sim uma particularidade nem sempre acessível à percepção estereotipada que nunca se dispõe à tarefa de despojar-se dos lugares comuns e enfrentar a nem sempre óbvia fruição da arte”. (OSAKABE, 2005, In: *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, Brasil, 2005, p. 41).

Na segunda metade desse século com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e da legislação e regulamentação da obrigatoriedade do Ensino Fundamental prevista na Constituição de 1988 que o ensino formal encontrou ratificação mais específica no Brasil.

Desse modo, naquele contexto histórico, prevaleceu entre os autores de obras didáticas o conceito de que seria imperativo considerar a leitura como a base da aprendizagem do sujeito, visto que a partir dela partiriam as demais demandas linguísticas, a citar a escrita.

Naquela época, a leitura era vista como ação prioritária para a obtenção do conhecimento intrínseco à língua, uma vez que seu ensino era abalizado na leitura e

estudo de obras literárias brasileiras, inclusive as consideradas modernas, visto que as clássicas foram destinadas à fase em que o aluno possuísse conhecimento mais apropriado de experiência literária para analisá-las.

Naquele tempo, foi elaborada uma normatização de trabalho para o professor, dispondo que, ao final de cada série, o aluno, fosse capaz de apreender o conhecimento linguístico imprescindível para ingressar na série seguinte, ao qual compreendia o conhecimento literário, porquanto a literatura era ensinada coligada ao ensino formal do idioma, porém, sendo poucas as alterações sólidas em sua estrutura.

Apreende-se, desse modo, que o método de aprendizagem abarcado entre o século XIX e início do século XX era formal, austero e baseava-se na leitura decorada, bem como na imitação do modo peculiar como o professor lia, para que os alunos por intermédio da repetição tornassem-se eminentes leitores da literatura das seletas e das antologias literárias. De acordo com Zilberman (1996, p.18), mas o melhor meio para se aprender a ler bem é ouvir atentamente a leitura do mestre, ou de qualquer bom leitor, e repeti-la, procurando imitá-lo.

Nesse ponto de vista, torna-se plausível compreender historicamente, a partir da instauração da república, como se deu a evolução do ensino de Língua Portuguesa e da Literatura no Brasil, entender a metodologia utilizada na época, apreender como era abordado o ensino, a prática da leitura das obras literárias nacionais para assim delinear uma linha do tempo e deduzir as mudanças ocorridas até os dias atuais.

Entretanto, paulatinamente, a leitura tornou-se mais complexa, haja vista que vinha, cada vez mais, acompanhada de afazeres que exigiam aspectos mais cognitivos e ela passa, assim, a confundir-se com o ensino da língua.

No contexto contemporâneo, em algumas escolas, a leitura encontra-se sob a configuração de textos fragmentados, pré-determinados de forma discricionária e por meio de recortes adaptados para outros fins, como para resumos, a obtenção de respostas prontas. Compreende-se a urgência de modificação nos currículos escolares para o acréscimo de espaços e tempos de leitura nas instituições, assim como a necessidade do professor, como mediador social, rever suas práticas e buscar a contextualização dos textos a serem trabalhados.

Nesse aspecto, as escolhas exigem que o professor esteja atento com as questões sociais, com as demandas de discricionariade, por intermédio de sua criticidade, uma

vez que é sua tarefa a valorização do ato de ler, a interpretação de obras literárias que deve considerar, sobremaneira, a estética do texto, como também, na relação estabelecida entre autor-texto-leitor e repassa, na produção estética, as múltiplas possibilidades de atribuição de sentidos e de respeito ao texto, jus à escolarização adequada e com propriedade.

Faz-se necessário mencionar que a leitura, por inúmeras vezes é colocada em segundo plano, concorrendo de forma díspar com a televisão e as mídias digitais e, assim, resgatá-la na posição de subsidiada pela literatura para a vida do indivíduo como suscita Geraldi (1983, p. 83) “a qualidade (profundidade) do mergulho de um leitor num texto depende e muito da qualidade de seus mergulhos anteriores”.

Nesse prisma, Silveira (1967, p. 46) salienta: “a aprendizagem da leitura é um longo e complexo processo que exige inteligência, maturidade, esforço e continuidade”.

A finalidade básica pretendida para as práticas de leitura é ler para compreender os textos, posicionar-se criticamente da dinâmica do mundo da escrita frente às exigências do contexto contemporâneo sem padecer a influência corrosiva que ele proporciona.

Nessa perspectiva, Roger Chartier (1997, p.71) suscita que “a obra não é jamais a mesma quando inscrita em formas distintas, ela carrega a cada vez outro significado”, assim, o multiletramento permite esse olhar multifocal que possibilitará ao professor utilizar-se da literatura aliada à prática docente para reposicionar-se frente ao desafio de criar, nos alunos, o hábito pela leitura e tornar o sujeito-leitor.

É a maturidade de leitor, construída ao longo da intimidade com muitos e muitos textos. Leitor maduro é aquele para quem, cada nova leitura desloca e altera o significado de tudo que ele já leu, tornando mais profunda sua compreensão dos livros, das gentes e da vida (LAJOLO, 1982, p. 53).

Ademais, a literatura, por intermédio da criticidade, da subjetividade e das diferentes formas de manifestações artísticas, além dos aspectos psicológicos, culturais e sociais, do conhecimento da representatividade polissêmica, sem se influenciar corrosivamente por ele, abrandando o contato do leitor com a realidade, tornando-a singular e inquestionável.

Passaremos agora ao letramento literário e sua relevância intelectual para o

indivíduo, justificando porque dos inúmeros territórios culturais, a leitura, é compreendida como uma das mais profícuas da contemporaneidade.

Letramento literário: relevância intelectual para o indivíduo

Dentre os contextos permeados pela leitura, a literatura, destaca-se como privilegiada porque conduz ao domínio da palavra, a partir da própria palavra e, por consequência, requer da escola um procedimento pedagógico diferenciado. Esse procedimento pode ser vivenciado, segundo Cosson (2012) por meio de oficinas de leitura, possibilitando desenvolver, com estratégias específicas, a competência leitora, de registro e a formação do repertório do leitor no tocante à experiência literária.

Soares (1999) evidencia que a adequada escolarização da literatura é aquela que conduz a práticas de leitura que ocorrem no contexto social, a atitudes e aos valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar.

Nesse olhar, o alvo da discussão é sobre a didatização da literatura, na busca de compreender como se deu a transição da literatura como arte para a literatura como disciplina escolar; a desmistificação da crença de que literatura não se ensina, de que basta a simples leitura das obras; a análise dos pressupostos dessa crença; a reafirmação da necessidade do ensino da literatura na escola e não, apenas, a sua didatização; a ênfase de que o ensino passa, necessariamente, pela seleção de textos em que estão presentes outras tantas seleções relacionadas ao cânone literário e às características do leitor-aluno.

Assim, o autor sugere que se busquem inúmeras possibilidades de diálogos com outras obras, compactuando como a concepção de ensino proposta pelos PCN (1998), que a arte é um conhecimento que proporciona um processo de humanização do homem coisificado.

Desse modo, os PCN (1998), com base nesse viés e na obra de *Vários Escritos* de Antonio Candido, afirmam ser um direito de todo cidadão o acesso à literatura e a qualquer outra expressão artística, pois, a literatura possui infinita riqueza e variedade com as esferas de atividade humana, assim:

É preciso que as situações escolares de ensino de Língua Portuguesa priorizem os textos que caracterizem os usos públicos da linguagem.

Os textos a serem selecionados são aqueles que, por suas características e usos, podem favorecer a reflexão crítica, o exercício de formas do pensamento mais elaboradas e abstratas, bem como a fruição dos usos artísticos da linguagem, ou seja, os mais vitais para plena participação numa sociedade letrada (PCN, 1998, p. 21).

Nessa visão, tal qual Candido (2004) “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Por isso, a leitura deve ser compreendida e valorizada, seguindo o raciocínio crítico, como uma oportunidade ímpar em que ocorre a construção de sentidos, para a qual o leitor somará seus conhecimentos e suas vivências de leitura, reconstruindo seu processo literário.

Nesse tocante, sabe-se que a capacidade de interpretação, análise e criticidade de grupos menores seria subjetivada, reforçada pelos principais limitações para a prática de leitura literária como deslocamentos, substituição dos textos originais, informações externas às obras e aos textos, enfim em uma fuga do contato direto do leitor com as obras literárias.

Para Lajolo:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade entregar-se a esta escrita ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista (LAJOLO, 1982, p. 59).

E, ainda, segundo Lajolo, em um artigo escrito nos anos 80, não podemos esquecer de que a leitura literária também deve ser estimulada como um momento de fruição, algo a ser realizado não apenas com intuito pragmático, para não correr o risco de utilizar “o texto como pretexto”.

Esses obstáculos reduzem o valor do texto literário a histórias sem significação literária. Cosson (2012) expõe uma metodologia de avaliação dentro da perspectiva do letramento e argumenta que o processo de letramento literário é diferente da leitura literária por fruição, pois, a leitura literária eficaz depende do letramento literário. Portanto, segundo o autor, quanto ao ensino da literatura, na escola:

[...] o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (COSSON, 2012, p. 23).

Nesse prisma, o letramento literário precisa da escola para efetivar-se, pois ele demanda um meio de apropriação que a simples prática de leitura de obras literárias não consegue, sozinha, concretizar-se. Desse modo, o letramento como construção literária dos sentidos, faz-se por indagações ao texto para chegar ao repertório do leitor, objetivando um desvelamento das informações para configurarem-se, nesse contexto, e inserirem-se às obras em um diálogo com outros tantos textos.

Segundo as OCEM, 2006, o letramento literário é o “estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler poesia ou drama, mas dele se apropria efetivamente por meio da experiência estética, fruindo-o”. Portanto, professor e alunos devem explorar juntos os textos literários para que se efetive a relação aluno e literatura em busca de habilidades leitoras de sentidos. Salienta Cosson:

É justamente para ir além da leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o feito linguagem mundo (COSSON, 2012, p. 30).

Percebe-se, assim, a importância do letramento literário para a apropriação e construção de sentidos para o texto e, conseqüentemente, uma consciência crítica, autônoma e humanizada. Conforme Geraldi (1999) “na leitura, o diálogo do aluno é com o texto. O professor, mera testemunha desse diálogo, é também leitor e sua leitura é uma das leituras possíveis”.

O processo de letramento literário, pela própria condição de existência da escrita literária, na dimensão diferenciada do uso social da escrita, na modalidade via textos literários, como uma maneira de assegurar domínio, visa reconhecer as ligações de um saber que se adquire sobre a literatura em uma experiência de dar sentido ao mundo, por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo, de espaço e unindo seus pares.

Acerca da seleção de obras a serem adotadas pela escola, discute-se desde o cânone às obras contemporâneas e, também, aquela que defende a pluralidade e a diversidade de autores, obras e gêneros. Nesse sentido, na sala de aula, a primeira atividade é selecionar o livro que será lido e discutido, devendo o professor ficar atento às instâncias de escolarização da literatura. São várias as instâncias mencionadas por Soares (1999), a começar pela biblioteca que determina rituais de leitura, como se deve ler, o que ler, enquanto tempo ler.

Sabe-se que o cânone carrega uma tradição cultural que deve ser prestigiada, no entanto as obras que ficaram distantes desse cânone, independente do motivo, devem ser inclusas, por serem, também, significativas em relação a seu valor literário.

Em referência à didatização e às metodologias tradicionais dos livros didáticos de trabalhar a literatura por intermédio de esquema de cronologia literária, historiografia, estilo de épocas e dados bibliográficos dos autores, enfim, em uma grande descontextualização, leva o ensino literário a ser maçante e desvinculado do contexto social.

Frente ao papel relevante e crucial da escola, cabe a ela a responsabilidade de formar leitores críticos, competentes e atuantes. O autor argumenta que, na escola, faz-se necessário o compartilhamento da interpretação e ampliação dos sentidos construídos individualmente. Conforme Cosson (2012, p. 66) “A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura”.

Nesse sentido, com uma relevante proposta pedagógica, é possível fazer o letramento literário na escola básica, seja na forma como incentiva o aluno para o ato de ler, seja nas estratégias de abordagem da leitura, rescinde-se a compreensão de que a leitura literária é tarefa árdua e complexa, além de proporcionar aulas mais interessantes, interligando as relações possíveis entre literatura e história, de maneira a formar cidadãos que sejam leitores críticos, sem ferir a experiência de autonomia, liberdade e fruição que torna a literatura polissêmica e singular.

Considerações finais

Frente aos crescentes desafios contemporâneos quanto à capacidade de ler, interpretar e produzir, aliados as novas tecnologias, justifica-se a relevância de um ensino diversificado e criativo que capacite o aluno a interagir com as diversas linguagens, sobretudo, com o texto literário para formar, não só leitores hábeis, mas principalmente, leitores seduzidos pela leitura, apropriando-se com domínio do uso da língua.

Consoante aos objetivos de esclarecer a concepção de leitura que fundamenta o caminho a ser percorrido para o letramento literário, a necessidade do ensino da literatura na escola, a relevância deve ser sobre a reafirmação da literatura como arte da palavra, buscando tornar um tanto mais nítidas as relações entre literatura e educação.

Além disso, a leitura constitui-se uma prática realmente capaz de alterar a consciência crítica do indivíduo e ensinar literatura, seja por meio do livro impresso ou das mídias, tem por escopo formar leitores que sabem e, sobretudo, gostam da leitura literária por livre escolha pelo prazer estético, ou seja, letrados literariamente, visto que ensinar linguagem, há muito, não é mais ensinar uma teoria da linguagem; ensinar literatura não é mais ensinar história da literatura ou teoria literária, visto que a didatização não permite ao leitor incalculáveis leituras, apreciar nossos autores e a nossa herança histórica, cultural e artística.

Assim, o letramento literário, na construção de sentido, em uma determinada área do conhecimento, por ter uma relação diferenciada em relação aos outros letramentos, apresenta singularidades, pois a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, concordando com Cosson (2012), cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas”.

Dessa forma, ao considerar que a leitura literária é essencial para a formação de leitores, pontua-se que é possível, com sentido e prazer, realizar o letramento literário com práticas que levem o aluno a um conhecimento crítico do mundo e das relações possíveis entre literatura e as demais áreas do conhecimento e, assim, tornar-se leitor, intelectualmente, autônomos e humanizados, ressignificando, com excelência, as diferentes leituras.

Referências

- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*. Brasília, 2002.
- BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (Linguagens, códigos e suas tecnologias/Secretaria de Educação Básica). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*, 2005.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: Vários escritos. São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira. de. *Análise da Conversação e ensino de língua portuguesa*. Campinas: Unicamp, 1986.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Edunesp, 1997.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2012.
- GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1999.
- KARWOSKI, Acir; GAYDECKA Maria Beatriz; BRITO, Karen Siebeneider. *Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação*. In *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória: Kaygague, 2005.
- LAJOLO, Marisa. *O texto não é pretexto*. In: ZILBERMAN, Regina. *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto alegre: Mercado Aberto, 1982.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- ROJO, Roxane. *Multiletramentos, multilinguagens, novas aprendizagens*. UFCE, 15 out. 2013. Entrevista concedida ao sítio eletrônico do GRIM-Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Adolescência e Mídia. Disponível em: http://www.grim.ufc.br/index.php?option=com_content&view=category&id=8&Itemid=19 Acesso em: jan. 2015.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *A leitura no contexto escolar*. São Paulo: FDE, 2002.
- _____. *O ato de ler. Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVEIRA, Juracy. *Leitura na escola primária: guia para normalistas e professores*. Rio de Janeiro: Editora Conquista. 1967.

SOARES, Magda. *A escolarização da literatura infantil e juvenil*. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et al (Orgs.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

ZILBERMAN. R. *No começo a Leitura*. In: *Em Aberto*. N.69, ano 16, Brasília, 1996.

LITERACY LITERARY: INTELLECTUAL RELEVANCE

ABSTRACT

The purpose of this paper is to discuss the relevance and usefulness that the literary literacy plays in the intellectual development of the individual, centered on a bias that approximates art and cultural factors, aiming a better at high school, once the individual develops critical thinking and autonomy so that he can subsidize rationally targeting to work with literary works. The literature confirms with excellence the cognitive development of the individual, and the literary literacy will enable it to transform the social situation and get to position itself in front of life on a lucid, succinct and more humane way.

Keywords: literacy, literature, literacy.

Recebido em 16/10/2015.

Aprovado em 16/12/2015.